

1º SARAU LITERÁRIO DO GRUPO TRAÇANDO



28 de outubro de 2023

Bolo de aniversário do Traçando

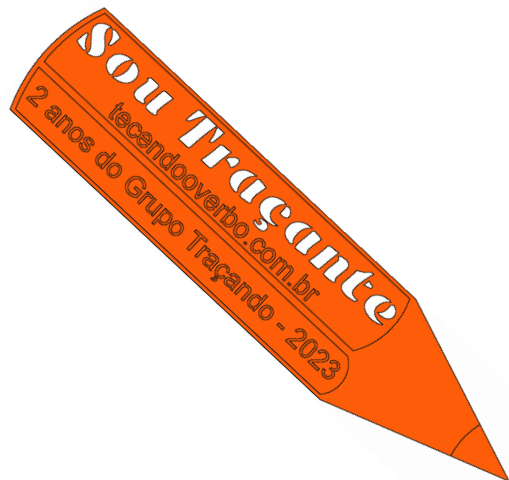


Chaveiro-lembrança da festa



1º Sarau Literário do Grupo Traçando

Comemoração do segundo aniversário do Grupo



Organização:

Cristina Vergnano e Osvaldo Otero

Realização:

Tecendo o Verbo

www.tecendooverbo.com.br

Dia: 28/10/2023

Horário: 17:00h

Modalidade de realização: híbrida (presencial e remota por Zoom)

Local: rua Marquês de Valença, 101/1001 - Tijuca

Convidados: Luiz Antonio Aguiar (escritor e professor de escrita literária) e alunos da Oficina de Exercícios de Criação Literária 2023/2 (Literatura do Encantamento)

Programação

1. Boas-vindas aos participantes – *Osvaldo Otero*
2. Abertura da sessão no Zoom – *Cristina Vergnano*
3. Leitura da Proposta-Manifesto de criação do Grupo Traçando – *Cristina Vergnano*
4. Leituras dos textos dos participantes:
 - a. “Poema do amor inexistente” – *Luiz Antonio Aguiar*
 - b. “Coisas que aprendi nos discos” – *Giselle Bondim*
 - c. “Para Florbela Espanca” – *Osvaldo Otero*

- d. “Cartas de quem vai, cartas de quem fica” (fragmento) – *Ana Paula Bellot*
 - e. “O jardim dos sentidos” – *Marcelo Pimentel*
 - f. “Tempo de migração” – *Karla Mourão*
 - g. “UTI” – *Sonia Costa*
 - h. “A LAMA” (fragmento) – *Agláia Tavares*
 - i. “Massinha de modelar” – *Simone Mattos*
 - j. “O eterno ciclo” – *Osvaldo Otero*
 - k. “Verdejar” – *Cristina Vergnano*
5. Homenagem aos traçantes e convidados: “Aos mestres, com carinho” (repente) – *Osvaldo Otero*
 6. Lanche de confraternização
 7. Tarde de autógrafos: livro “Um mundo assombroso”, de Luiz Antonio Aguiar, com ilustrações de Marcia Széliga.

GRUPO TRAÇANDO
Proposta-manifesto do novo grupo do ToV

Por: Cristina Vergnano
Rio, 10.05,2021

Traçando indica processo que risca-rabisca linhas e letras sobre o papel (ou a tela), criando universos e histórias. É também trajetória, traçada, perseguida, entrelaçada, a qual, igualmente, remete a universos e histórias. Por fim, é volúpia de traça que rói narrativas, as consome, arquiva, compara, recria e atualiza em sucessivas leituras, incorporando experiências à bagagem de vida.

Somos traças, “traçantes” e traçados. Unimo-nos para ver nascer a ideia nova, a ideia antiga e requentada, a ideia repaginada. Para, enfim, fazer acontecer juntas e juntos.

Ninguém aqui está feito. Só no final da caminhada se conhece o desenlace, se coloca o ponto derradeiro. Portanto, é na feitura, no correr do lápis, da caneta, do mouse e do teclado que construímos o que haverá de surgir. Atividade solitária e acompanhada, compartilhando para dar a ser. Apenas momentaneamente ser, pois, a cada nova leitura, outras traças traçarão linhas inusitadas, atualizadas e recriarão o antes criado.

Neste ano 2 da pandemia, no início do terceiro milênio, emergimos dos bites e bytes para enfrentar a vida com a palavra que modela a realidade. Fisicamente virtuais, virtualmente reais, distantes socialmente, aproximados digitalmente, vamos discutindo, confrontando, somando e multiplicando um universo em expansão criativa.

O que propomos? Criar, criar, criar. E ler, e discutir, e trocar, e rever, e avançar (sempre). Quando o faremos? No momento em que tivermos o desejo, interligados pela mídia social da virtualidade, mas marcando encontros periódicos para nos vermos a todas e todos e nos alimentarmos das sabedorias de cada uma e cada um. E como será? Isso só a experiência dirá... Sonhamos, porém, que seja gostoso e seja lindo, criativo, respeitoso. A palavra cedida, ouvida, apresentada, falada e compartilhada. O que sairá daí? Esperemos, muita literatura!

Cristina Vergnano

POEMA DO AMOR INEXISTENTE

Nem houve o beijo e não me queixo;
minha perdição poderia ser beijar essa sua boca,
e então não seria uma lembrança tosca
o que eu teria de apagar.

Tua nudez roubou de vez meu coração.
Eu sabia o que estava acontecendo.
Eu sabia.
Tua nudez enfeitiçou-me novamente a imaginação.
Eu via você e não via. Via. Mas, não via.
Essa tua nudez que eu quero e quis, tua úmida nudez, que me ficou como cicatriz,
tua súbita nudez, que nunca declarou ser minha

Em Você eu penso noite e dia.
Meu coração não é mais meu;
não mais do que seria, da árvore,
a folha que se desprende e foi ao vento.

Em Você, noite e dia, eu penso.
Areia movediça. Miragem. Sua imagem,
o recato em pecado, rompendo águas, emergindo de mágoas.
A pulsação! Odores e gemidos... somente grafados.
Todas as ânsias!
A perda de si. Deusa no cio! Deusa Devassa!
Melaço que escorre para suas coxas, transborda.
A convulsão!
Em você eu penso noite e dia.

Como quem sorri da própria melancolia e a acolhe
em desejos desesperançados,
mas, sem queixas,
sem lamentos!
Em Você, noite e dia, eu penso.
Em Você eu penso noite e dia.
Dia e Noite.
Noite e dia.

Você é meu uísque, meu cigarro.
Precisei largar o cigarro, há 15 anos.
Sonho que fumo com frequência.
Uísque, bebo, e aí me agarro à beirada
de uma miragem para impedi-la de desaparecer.

Você é meu cigarro, meu uísque.
A recaída no que não posso ter.
Não há fotos nem lembranças que reconstruam esse eu--você
que busco escrevendo poemas.
Depois, os releio, releio, releio.
Mas, você não está neles;
estou eu, apenas, e mais meu cigarro, meu uísque,
e o risco de rimas, insaciáveis,
por não conseguirem fingir ser você.

Milhares de vezes ainda
eu me despedirei de você,
do seu Fantasma.

Coisas que aprendi nos discos

giselle bondim

Te juro! O Belchior foi meu namorado secreto no fim da minha adolescência, um pouco antes de passar no vestibular.

Eu o conheci na praia. No meio de um grupo de amigos, em que eu e ele estávamos lendo enquanto o resto do povo jogava conversa fora e ria por nada. Quem conseguiria ler no meio de tanto falatório? Só mesmo quem estivesse fazendo vestibular, e o Belchior, claro!

Bem, eu não conhecia o Belchior, ou melhor, conhecia mas não tinha prestado atenção, por isso não o reconheci. Ele se apresentou para mim com um nome falso, Sérgio e ainda disse que era primo de uma amiga minha, a Leila. Não demos a mínima um para o outro e ficamos lendo, ele lia Vidas Secas, eu O Quinze. Apetites regionais, pensei.

O grupo de amigos era grande, mas conforme o tempo passava, começou a se dispersar, uns foram comer alguma coisa no boteco, outros foram para casa. Sobramos eu e ele, alheios ao tempo, isolados na leitura. Ou será que confundo, que continuaram todos ali e simplesmente não importavam mais?

Em determinado momento, ele fechou o livro e do nada me perguntou se eu sempre lia. Tirei os olhos do livro irritada com a interrupção, mas percebi que ele tinha a pele manchada de sardas e eu adorava sardas... Resolvi fazer charme e respondi que só não lia quando era interrompida.

Ele escondeu um meio sorriso debaixo do bigode ridículo e disse – com aquela voz dolorida que só combinava com as músicas dele – que poderíamos trocar alguns livros e ideias.

Eu respondi que não tinha ideias próprias, que talvez as tivesse um dia mas seria pouco provável com tanta censura e que os livros eram da biblioteca, de modo que não tinha nada de meu para trocar.

Antes que ele falasse de novo, eu perguntei por que ele imitava a voz de taquara rachada do Belchior, ao que ele respondeu rindo que era o próprio Belchior, que estava incógnito e por isso tinha se apresentado com um nome e um parentesco falsos. Eu ri também e obviamente não acreditei.

Foi aí, no meio da minha gargalhada que ele me beijou.

Ele tinha uma dúzia de anos a mais do que eu e quando se tem apenas 17 isso faz muita diferença. Lógico, acabei me apaixonando. Primeiro foram as sardas, admito.

Mas veio o resto. Ele era irresistível. Como resistir se um homem ignora seus peitos saltando do biquíni e elogia sua inteligência? Como resistir ao ouvir ao pé do ouvido *que tudo é permitido, até beijar você no escuro do cinema, quando ninguém nos vê?*

Mas ele era mais. Ele me falou dos *humilhados do parque*, dos *corpos que caem* dos muitos andares, não só do oitavo e sobretudo da *solidão das pessoas dessas capitais*.

Milhares de vezes, névoa linda,
A verei desaparecer, em noites de Lua Cheia.

E me aconselhava. O que você tem que fazer é amar, *amar e mudar as coisas*. Alucinada, eu pensava que podia e com minha voz desafinada e sotaque arrevesado fazia o *back*, atravessando o ritmo enquanto sacudia meus longos cabelos, *Rock, Hot Dog, Play it cool, baby*.

E cada vez que eu ria, alegre, ele me roubava o riso com um beijo espetado. Aquele bigode patético. E tinha as sardas...

Um dia acabou. Como acabam todos os namoros. Nem lembro o motivo. *Tudo muda e com toda razão*. Ele nem mesmo era o Belchior. Plagiador! Belchior não tinha sardas...

Não sou muda. Hoje eu canto muito mais.

O meu canto, baby.

Nota: Nunca encontrei o Belchior, mas todas as frases grifadas são dele e também o título deste conto. Algumas de suas palavras-sementes ainda brotam em mim, então sim, ele foi meu namorado.

Se a vida te espanca, Florbela,
Se a vida, Florbela, te espanca,
Sorri e requebra tua anca,
Repete que a vida é bela.
Vai, abre a tua janela
E olha até onde a vista alcança:
Lá, onde estiver tua esperança
Se encontra também tua estrela.
Se te maravilhas ao vê-la,
Tu és novamente criança.

Bem sei que não tens a voz mansa
Nem rezas no altar da capela,
Mas brilhas como a luz da vela
Que gera a sombra que dança.
A sombra que a tua luz lança
É sombra, porém, que revela
Que a luz, pra que possamos vê-la,
Traz consigo a sombra e não cansa
Do moto contínuo que avança,
Da sombra dançando com ela.

Luz-sombra, perpétuo contraste,
Luz-sombra, eterno mistério.
Lá fora, no espaço etéreo,
O escuro que adivinhaste
É filho da luz. Que isto baste
Pra dar-te coragem de ver
A sombra que há em teu ser
Que morre, Florbela -aprende!
Se a luz que em teu peito se acende,
Se a luz que em ti brilha morrer.

(1) N.A. - Poetisa portuguesa, autora de lindos sonetos, suicidou-se aos trinta e seis anos, em 1930.

Cartas de quem vai Cartas de quem fica

Ana Paula Bellot

"Sentei-me ali, olhando para o livro que minha tia havia me entregado. Lembro que passei a mão na sua capa. Era verde com as inscrições em amarelo. As páginas também estavam marcadas pelo tempo. Ao folheá-lo, tão delicadamente, eu conseguia ver todas as letras, palavras e frases dançarem em minha mente. O que tinha ali para ser descoberto? Um livro não é como uma carta. As cartas vivem para aqueles que são direcionadas, são lidas, sentidas e depois jogadas fora. Mesmo quando guardadas, elas só fazem sentido uma vez. Depois, mesmo que seja relido, é difícil lembrar do que estavam falando, qual era sua intenção. Mas os livros, ah os livros! Esses sim são capazes de se perpetuar na eternidade, unindo passado e presente. Para isso, basta alguém interessado abri-lo e entendê-lo. Um livro é para sempre. "

Capítulo 5, p. 41.

O jardim dos sentidos

Marcelo Pimentel

Caminhou pela rua deserta até chegar, enfim, ao endereço indicado. Pelo velho portão entreaberto, pôde ver um extenso e bem cuidado jardim. A proprietária tinha lhe autorizado a entrar, até citara uma trilha de pedras sinalizando a direção da casa. Trazia na mala tecidos de qualidade, e a nova freguesa havia sido bem recomendada.

O jardim era formado por diversas plantas floridas. Também por árvores frondosas, que acabavam por ocultar a casa. Ao longo da trilha de pedras havia pouca passagem da luz; e a penumbra trazia ao visitante um estranho sentimento de ameaça, como se ele adentrasse um caminho sem volta. Afrouxou a gravata.

Por outro lado, como eram belas aquelas flores. Coloridas, exóticas, sedutoras, tão diferentes de todas que já vira. Ele as apreciou com atenção, uma a uma. Pareciam se mover devagar, sempre no mesmo ritmo, como a convidá-lo. “Chegue mais perto, Gregor”. E que perfume delicioso! Sentiu-se leve e docemente tonto.

Um grande besouro zuniu pelo ar, desorientado, atingindo sua testa de raspão. Com o susto, desequilibrou-se, apoiando as mãos no gramado para evitar um tombo. Ao levantar a cabeça, teve a impressão de que tudo crescia rapidamente ao seu redor. E que as flores, enormes, giravam em círculos, como cata-ventos. Fechou os olhos por um momento e tentou se concentrar, sem que isso surtisse qualquer efeito. Todo o jardim já atingira proporções descomunais.

Por um instinto que desconhecia, largou a mala e saltou. Em seguida, mais alto, alcançando o caule de uma bela orquídea tropical. Perdera o medo de altura, não hesitando em saltar novamente, até perceber que podia voar.

Flanou de flor em flor, atraído pela beleza das cores e formas, pela maciez das pétalas e por aromas irresistíveis. Até que outro odor, forte e agressivo, o interrompeu. Viu um homem gigante – decerto um jardineiro – se aproximar lentamente, munido da lata que borrifava o cheiro da morte. Gregor voou aflito, o mais rápido que pôde. O tamanho do jardineiro, porém, acelerava seus movimentos de predador – adivinhando as ações da vítima, obstruindo suas rotas de fuga e enchendo o ar daquele produto ácido, sufocante, assassino.

Gregor voava por sua vida. Mas, a cada tentativa de escapar, sentia seu vigor se esvaindo. Não era, afinal, um humaninho voador dos mais ágeis ou resistentes. Terminou cercado no arbusto de rosas vermelhas. Exausto e apavorado, viu a grande sombra do jardineiro se aproximar e escurecer o mundo.

No breu absoluto, pôde ouvir a voz suave das flores, buscando tranquilizá-lo: “Não tenha medo... Você vai ficar bem”.

Quando acordou, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.

TEMPO DE MIGRAÇÃO

Karla Mourão

Há uma maldição
que me atrasa,
silencia as palavras
que cuidariam da minha saúde
mesmo que de forma limitada,
mesmo sem a dose certa de poesia.
Falta a terapia literária
que curaria essa dor
do verbo sem ação,
do imperativo sem voz,
da metáfora esgotada em usos.
Sentada à mesa da cafeteria,
não encontro pássaros nas xícaras
e o céu da boca amarga
a ausência de estrelas
como o prenúncio de uma tempestade.
Engulo os ácidos do refluxo
e tenho um hálito de desamparos.
Mesmo ao sabor de grãos torrados,
nenhuma mistura voltará a ser doce
como foi no passado.
A cafeteria é demasiadamente clara
e revela conquistas tecnológicas
que me desagradam
como as tomadas que me descarregam.
Ouvi dizer que chatbots
já escrevem poemas
com emoções artificiais
resultado da mineração de dados.
Aplicativos de extrativismo literário
que virão devastar o território
dos poetas mortos.
Neste instante, estou consumida
por essa possibilidade de poemas
que nada expressem
da nova experiência humana
a se fazerem sobre qualquer
provocação miúda
sem necessidades genuínas de espanto.
Mais ou menos como essa livraria,
que só existe para vender bolos,
onde os livros apenas decoram
as paredes ao redor das mesas.

E, em breve, não será nem isso,
pois também os livros sairão em revoadas,
deixando as xícaras vazias de sentido.
E, quando faltarem os livros e as palavras
– ditas, não ditas, malditas, que sejam –
não restará mais nada do aroma do café.
Nem sequer a lembrança dos grãos.

UTI

Ali as luzes não se apagam nunca, o movimento é intenso, um entra e sai sem fim. Só silencia quando uma agulha fura sua veia e derrama um líquido paralisante, que te leva para o céu ou para o inferno, dependendo do “barato” que o seu cérebro for capaz de produzir.

- E aí, como você está, passou bem a noite? Sua evolução está muito boa. Alguma dor, alguma queixa?

- Nada, eu só quero ir embora, doutora. Mas olha, a senhora não sabe a dor que é aquela coisa entrando nas suas veias, rasgando tudo. Dá vontade de urrar feito um urso ferido. Se eu não morrer de câncer vou morrer dessa quimioterapia.

- “Cadê o meu almoço, vocês estão me matando de fome, vou contar tudo pros meus filhos e netos.

- Dona Nadir, é madrugada ainda, às sete horas em ponto vão trazer o seu café da manhã.

-Eu estava na Igreja, o coral estava tão lindo, o padre vestia a bata de festa, meu neto corria pelos corredores, ele não conseguia ficar quieto, mas sumiu de repente, procurei em vão, até cair nas escadarias do altar. Agora estou aqui, nessa UTI, depois de um infarto. Meu neto? Estava escondido atrás das cortinas da sacristia, aquele danado.

Todos chegam lá buscando alívio para suas doenças e dores, aceitam qualquer indicação: remédio ruim, injeções, anestésias, radiografias, ultra sonografias e até cirurgias de grande porte. Mas na menor melhora, só pensam em voltar pra casa, voltar pra vida que parece que agora tem algum sentido ou sabor.

-Agora eu sei, não é fácil morrer, não se morre na véspera. A vida se impõe de forma inapelável. Fugir dela é como fugir da sombra. Você corre e ela corre atrás. Você para e ela espera. Já tentei três vezes, e estou aqui, um suicida patético, usando muletas porque a sacada de casa não era alta o suficiente. Caí de pé, quebrei as duas pernas, e estou chorando de vergonha de meus filhos até hoje”.

Ali as luzes não se apagam nunca.

Sonia Costa

27/10/2023



A LAMA

crianças
diversas



AGLÁIA TAVARES

ILUSTRAÇÕES : IGOR CASTRO

Não deu tempo de o dia aproveitar.
A lama chegou e me levou no seu “mar”.
Não deu tempo de correr.
A lama veio e fez tudo perecer.
Não deu tempo de fugir.
A lama fez tudo sumir.
Não deu tempo de fechar a porta.
A lama foi cruel, quase me deixou morta.
Não deu tempo de recolher as roupas no varal.
A lama me tirou a casa, minha varanda, meu quintal.





Não deu tempo de terminar o feijão.
A lama, seca e dura, cobriu do alto ao chão.
Não deu tempo de apagar a luz.
A lama abriu feridas, deixou dor e pus.
Não deu tempo de avisar a quase ninguém.
A lama passou por cima de gente, casa e até trem.
Não deu tempo de botar a mesa.
A lama chegou na minha casa sem avisar, de surpresa.

A lama só nos fez perder as forças, esmorecer.
Não deu tempo de ver o que tomou conta do ar.
A lama nos empurrou para o morro, na tentativa de escapar.
Não deu tempo nem de entristecer.
A lama não nos deixou outra opção, senão, morrer.
Não deu tempo da tragédia esquecer.
Será que vamos, depois da lama, sobreviver?
Sim, o tempo fará Brumadinho se reerguer.
E nossa terra voltará a crescer.





Não tivemos muito tempo.

Quando ela chegou, a maior parte da bagagem eram cadernos, que ela ordenou na estante, criando um colorido de livraria infantil. O oratório num canto, a boneca dorminhoca sobre a colcha de crochê, o cheiro de patchouli. Eu gostava de vê-la escrever. Logo o quarto dela virou meu lugar favorito. Aos domingos, ela me deixava ler as histórias.

– Pegue um caderno e abra de olhos fechados. Não pode escolher o que vai ler – ela dizia. As histórias ficavam em mim, como se os personagens vivessem secretamente pela casa. Duendes, fadas, fantasmas, bichos, brinquedos, bruxas, menos gente. Gente é para o mundo, ela brincava.

Quando a tia Sofia adoeceu, me pediu uma lista de endereços espalhados pelo Brasil e não estabeleceu nenhum critério de seleção. Eu fiz uma busca simples e copiei dezenas deles, de todas as regiões do país.

– O que vamos fazer, tia?

Ela me explicou, precisava dividir as histórias. Um pouco a cada dia, enquanto a doença avançava, ela destacava páginas dos seus cadernos. Acomodava em envelopes e me entregava. Eu os remetia para os endereços da lista. Assim, em algumas semanas enviamos tudo. Eu até comprei cadernos novos, mas ela perdeu a força das mãos. Então tentei outro modo de alegrá-la.

– Tia Sofia, recebemos respostas, cartas de seus leitores.

– Ah, leia pra mim, Julia.

Seu rosto pálido ganhou alguma cor, ela ergueu o corpo no leito, buscando a melhor posição para ouvir.

“Cara Sofia, recebi sua carta com a história. Foi uma imensa gentileza compartilhar comigo. Engraçado que o personagem mora aqui em casa, só pode ser! O meu gato tem as mesmas manias e creio que também é encantado. Ontem, o bichano aprontou novamente...”

Eu lia uma resposta por dia. Ela fechava os olhos, sorria.

Um dia, depois de uma noite de febre, meus pais a levaram ao hospital e ela não voltou.

Na verdade, não recebemos respostas para as cartas. Tia Sofia não desconfiou, eu aprendi com ela a inventar histórias.

("Massinha de modelar", Simone Mattos)

De outros eus, do que fui, eu me povoo.
Asas de sombras roçam-me as faces
E ao redor do meu ser planam, rapaces,
Bandos de abutres em silente voo.
(No vento do meu eu, das vidas minhas,
Pairam também as pombas e andorinhas).

Multidão, legião, mil facetadas
(Im)possibilidades é o que sou:
O que fui, o que serei, o que passou
E o que virá nas curvas das estradas.
(Na estrada da vida, andando a esmo
Um dia encontrarei comigo mesmo).

Tardo momento, hora da verdade
Como encontrar-se frente a um espelho
E descobrir-se fraco, feio e velho,
Se for esta a fria e dura realidade.
(Que surpresa, porém, se o andarilho
Radiar luz e aura e cor e brilho!)

É esta vida, esta rota que me assombra
Pois percebo que apenas replicamos
Os gestos do que fomos e assim vamos
Obedecendo ao que ficou na sombra.
(Cada vez que retorno a este palco
De luz, de mim mesmo me desfalco.)

Quando encerro mais um ciclo na jornada
E no sono final eu desfaleço
Novamente, é então que me conheço:
Mil e uma faces numa só, que é nada.
(Quando cessa, afinal, esta viagem?
Milhões de eus já trago na bagagem!)

O que é, na verdade, a minha essência?
Dispo meu corpo, ao me deitar na morte
E a meus múltiplos fundo-me, consorte
De mim mesmo, buscando a consciência.
(E a aguda dor da descoberta ensina
Que a viagem começa onde termina...)

Verdejar

Por: Cristina Vergnano

Rio, 27.10.2023

Para minha mãe, que gostava tanto de plantas e de extremosas floridas.

Tudo começou com um tropeço, quase queda, na porta de casa. Apoiei o corpo na grade e olhei para o chão. “Um galho?!” Devia ter vindo de longe, com a ventania da noite anterior. Por essas bandas, vegetação era coisa rara. “Melhor tirar esse treco daqui. Alguém vai acabar se machucando feio.”

Abaixei e o peguei. Pretendia colocar a ameaça na lixeira adiante, porém algo me deteve. “Estranho, parece ter um broto aqui no lado deste toco e umas pontinhas. Raízes? Será que está vivo?”

Mudei de ideia, decidida a resolver a situação, mas arranjei um problema. Ao meu redor só havia concreto, cimento e asfalto. Onde arrumar um lar para a planta? Lembrei-me, então, do estacionamento. Era um espaço da prefeitura, num meio-calçadão, meio-terreno baldio. Lá, haveria alguma terra.

Cheguei de mansinho. Olhei para todos os lados: ninguém à vista. Ainda era bem cedo e o guardador apareceria quando houvesse mais movimento. Tinham proibido plantar ali, a fim de sobrar mais espaço para os carros e não gerar trabalho extra com limpeza de folhas secas. Porém, o galho estava vivo e parecia falar comigo, pedir ajuda. Encontrei um canto discreto, cavei um buraco, fiz um cercado de pedras e deposei o vegetal, torcendo para ninguém o remover antes de fixar suas raízes. Depois, segui meu caminho e não pensei mais no assunto.

A semana foi chuvosa. Quem podia, ficava em casa, deixando as ruas e calçadas desertas. A correria cotidiana, contudo, me absorveu completamente por alguns dias.

Por fim, o tempo firmou. Numa tarde quente e iluminada de feriado prolongado, o bairro estava de novo vazio e eu decidi sair para caminhar pelas redondezas. Não que houvesse muito para apreciar. Em todo o caso, as pernas pediam exercício e a cabeça, refrigério. Sem refletir a respeito, tomei o caminho do estacionamento. Ao chegar, quase morri de susto.

— Oi, amiga, tudo bem?

— Quem falou? — Olhei para todos os lados, com medo de assalto.

— Eu, claro. — Fiquei pasma, pois a voz suave vinha de um arbusto florido, próximo ao muro.

— Cadê você? Apareça e pare de gozação.

— Não me reconhece? Por que é difícil acreditar que sou aquela que você salvou no outro dia?

— Salvei? Não salvei ninguém! E aqui só estou vendo esse projeto de árvore.

— Sou eu mesma que estou falando. E, se estou viva e bem, devo a você.

— Ah, qual é?! Planta não fala, nem aquele toco ia crescer tão depressa.

— Bom, quanto a falar, o problema é de vocês humanos que se recusam a ouvir. Sobre eu ter crescido tão rápido, hummm... mistérios.

— Devo estar com insolação. Só pode! E quem te plantou aqui? Não dizem que planta “rouba” vaga útil dos carros?

— Insolação, que nada! O guardador até pensou em me arrancar, mas uma criança me achou bonitinha, um cachorro escavou a terra aqui em volta, um gato coçou as costas no meu tronco e uma mulher ficou feliz em botar seu carro na sombra. Daí, desistiram.

Então, era verdade. Aquele trocinho de nada tinha virado um arbusto frondoso da noite para o dia e era capaz de falar. Bem, falar não falava exatamente, porque planta não tem boca, nem cordas vocais. O mais absurdo, mesmo, era eu ouvi-la e entendê-la. Só se fosse telepatia.

Fiquei tão intrigada que voltei ao local por dias seguidos. Conversávamos telepaticamente sobre várias coisas, em especial, sobre a vida. Percebi que as pessoas da vizinhança começaram a frequentar o terreno, mesmo sem querer estacionar. E, em alguns meses, ele estava modificado, verdejante.

Uma coisa puxa outra. O povo percebeu que algo faltava em sua existência e começou a trazer companhia para a árvore solitária. Logo, vieram junto borboletas e passarinhos. O cinzento e silencioso deu lugar a ruídos e cores; de estacionamento, virou praça. Como num contágio, as calçadas ganharam canteiros e um corredor verde tomou conta do bairro. Quanto a mim, novas vozes cantavam, agora, em uníssono e polifonia, na minha cabeça, nos entendíamos e compartilhávamos vivências. Mas o arbusto florido continuou a ser meu preferido, um confidente para todas as horas.

AOS MESTRES, COM CARINHO

Osvaldo Otero, 20 de outubro de 2023

Cansado de ser poeta,
Decidi escrever um conto.
Pensei que ia ficar pronto,
Que ia cumprir minha meta
Em uma hora direta.
Mas comecei a engasgar,
Chegou a me faltar o ar,
Foi-se a tarde, foi-se o dia...
Eu inda não conhecia
Luiz Antônio Aguiar!

Lamentava minha sina,
Quando, fazendo ginástica,
Que é pra cuidar da plástica,
A minha amiga Cristina
Me falou duma oficina
Que um professor ia dar.
Lá ele ia ensinar
Tudo quanto era macete!
O cabra era do cacete,
O Luiz Antônio Aguiar.

Quando, na primeira classe,
Criticaram meu projeto,
Eu, que era cabra incorreto,
Reagi, e, face a face,
Quis que tudo se danasse.
- Vou escrever sobre demônio,
Sobre ET, monstro medonho,
Sobre disco voador!
Chega de pluma e de flor!
Ficou quieto Luiz Antônio,

Pensou talvez que comigo
Carregasse uma peixeira.
Mas na minha vida inteira,
Eu lhe juro, meu amigo,
Furei ninguém. Não consigo!
Mas se foi pra melhorar,
Decidi assossegá-lo,
Resolvi prestar atenção
E ouvir a opinião
Do Luiz Antônio Aguiar.

E não é que o tal do cabra
Foi vomitando cultura,
Cuspindo literatura?
Mago sem abracadabra!
A turma toda era braba,
Tudo doutor, a criar.
Eu, ali quieto, a espiar,
Só me roendo por dentro,
Mas escutando, atento,
Luiz Antônio Aguiar.

E tinha a tal da Simone,
Paraense boa de pena,
Séria, correta, serena.
Essa, não morre de fome!
Escreve melhor que homem,
Do trabalho vai pro lar,
Caso dela é trabalhar.
Não ganha a vida com escrito!
Por isso, ganhou um pito
Do Luiz Antônio Aguiar.

Mas Ana Paula Bellot,
Que é carioca e loura
E trabalha feito moura,
Essa não se amedrontou:
Um livro já publicou.
Eu comprei um exemplar
Pra sangueira investigar.
Tinha muito crime horrendo
E mais eu fui aprendendo
Com Luiz Antônio Aguiar.

A Giselle é uma juíza
Muito séria e competente,
Mas ela machuca a gente
Quando a gente realiza
Que o mal não se exorciza.
Fala de horror, é medonho,
Mas nada fica enfadonho.
Só tem gente que se ferra,
Gente que morre na guerra,
Bate palma Luiz Antônio.

O Marcelo Pimentel
Gosta de uma assombração!
É alma, é vulto no oitão,
Tem vingança, tiro e fel.
Mas seu coração é mel,
Só por causa da Pilar!
Ele vive a avisar
Onde é que vai ter concurso,
Mas nunca o vejo no curso
Do Luiz Antônio Aguiar.

Também tem Carlos Camillo,
Corintiano, paulista,
Estudioso, jurista.
Cultura ele tem a quilo,
Nos socorre e dá asilo
Se a discussão esquentar.
Diz que tem um exemplar
Assinado por Cervantes!
Garante que tem bem antes
Do Luiz Antônio Aguiar.

Vou falar mais da Cristina,
Esta grande professora!
Tem alma de educadora
E conexão divina.
Parece até que é menina
Se o negócio é ajudar!
Consegue até consertar
De nosso curso o programa,
Tarefas e cronograma
Do Luiz Antônio Aguiar.

Alê Ramos é uma peça!
Alegre e irreverente,
Sorrindo, cativa a gente,
Mesmo quando não mereça.
Talvez que ela padeça
De uma síndrome do lar!
Há trabalho a entregar?
Pra ela não existe quando,
E assim vai enrolando
Luiz Antônio Aguiar.

A Bel fica num dilema:
Escrever conto demora!
E ela não vê a hora
De escrever para o cinema.
Aí que está o problema!
Então escreve com pressa
E sua escrita se expressa
Direta, curta, sucinta!
O mestre não dá na pinta,
Luiz Antônio não se estressa.

A Paula é doce, alma pura,
Nossa escritã portuguesa.
Cruzou o mar, com certeza,
Na esquadra da ternura.
Mas às vezes se aventura
Pelo horror, é de assustar!
Mas quem conhece o olhar
Sabe o que lhe vai na alma.
Por isso, mantém a calma
Luiz Antônio Aguiar.

Na classe tem jornalista
Que vive girando o mundo!
E eu, que sou vagabundo,
Que tenho alma de artista,
Nunca vi o que ela avista,
Mas leio o que ela nos diz
De Compostela a Paris.
É da Rejane que falo,
Se na mentira me entalo,
Me ajude, mestre Luiz!

Vou falar de Sonia Costa,
Doutora em Psicologia
Que cismou, um belo dia,
E até fez uma aposta:
Quer escrever, que ela gosta,
Aprender a fazer romance!
A meta está ao alcance,
Pois cronista ela já é.
A aposta tá de pé,
O Luiz topou o lance.

Tem publicitária até,
Estou falando da Karla.
Michelangelo disse “Parla!”
Para a estátua de Moisés.
Delicada como é,
A sua literatura
Mais parece uma escultura
Em mármore de Carrara.
Alguma falha, que é rara,
O Luiz Antônio depura.

A Dulce é minha irmã,
Fui eu que a trouxe aqui.
Dela já limpei xixi,
Troquei fralda, hoje sou fã!
Ela deve ser xamã,
Na alma tem a centelha,
Desde que era fedelha,
Do amor espiritual.
Pra ela não existe o mal.
(Luiz Antônio olha de esguelha).

Por dever de consciência,
Termino pelo Traçando
Onde eu, de contrabando,
Comecei a ter ciência
E descobri a potência
Da criação feminina.
Lá me levou a Cristina,
Lá tracei algumas linhas
E escrevi estórias minhas,
Pouco antes da Oficina.

E por falar em escrita,
Creio que é de bom tom
Citar Camila Dutton,
Daniela, Jaque, Rita,
Bando de gente bonita!
Mais a Giselle Oliveira
Que, aqui, é derradeira,
Vindo no fim nessa história,
Mas que, por feito e por glória,
Podia ser a primeira.

E já vou dar um descanso
Pra vocês, ponto final.
Desculpem se falei mal,
Mas falar já é um avanço.
Era bronco, hoje sou manso,
Jogo as raivas no papel.
Se inda não mereço o céu,
Já escapei do inferno.
Hoje escrevo, hoje sou terno,
Grato a quem me ofertou mel.

Se de alguém o nome resta,
Desculpe, foi neste afã,
Tarde, noite e de manhã
Só pensando em nossa festa!
Para aparar a aresta
Declaro: o grupo é sem par!
Ponho todos no altar!
No Traçando e na Oficina,
Nós temos mestra Cristina
E Luiz Antônio, a guiar!